

BIBLOS

Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

4 REFÚGIOS

NÚMERO 4, 2018
3.ª SÉRIE

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

REFÚGIOS DOS AFRO-AMERICANOS
CARTOGRAFADOS NA OBRA
BETWEEN THE WORLD AND ME
DE AUTORIA DE TA-NEHISI COATES

*Places of refuge to Afro-Americans
mapped in the book*

Between the World and Me
written by Ta-Nehesi Coates

LUÍS CARLOS S. BRANCO

lcrsb@ua.pt

Universidade de Aveiro, Departamento de Línguas e Culturas

DOI

https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-4_5

Recebido em setembro de 2017

Aprovado em dezembro de 2017

Biblos. Número 4, 2018 • 3.ª Série

pp. 99-121

RESUMO.

No rescaldo do movimento de protesto *Black Lives Matter*, motivado pela morte de jovens afro-americanos às mãos da polícia, Ta-Nehisi Coates, poeta e jornalista afro-americano, deu a lume em 2015 a obra *Between the World and Me*. Nela, o autor traça uma cartografia literária de espaços geográficos, ressaltando as comunidades urbanas afro-americanas, que na sua co-relação com o racismo se enquadram na categoria de refúgios. Tendo sempre em consideração que não se pode fazer deduções abusivas a partir da experiência individual de Coates, extrapolando-a a toda a comunidade afro-americana, proponho-me mapear criticamente esses espaços, esses refúgios dos afro-americanos, representados na obra em apreço.

Palavras-Chave: Racismo; Refúgios das comunidades afro-americanas; *Between the World and Me*; Ta-Nehisi Coates; *Bildungsroman*.

ABSTRACT.

In the aftermath of *Black Lives Matter*, a protest movement that arose following several deaths of young Afro-Americans at the hands of the police, Ta-Nehisi Coates, an Afro-American poet and journalist, published in 2015 the book *Between the World and Me*. In this work, the author maps out several places of refuge for the Afro-American urban communities, relating them with the presence of racism in the American society. My aim is to critically map out those places of refuge represented in *Between the World and Me*, always keeping in mind that the author writes from an individual point of view and his experience cannot be extrapolated to the whole of the Afro-American community.

Keywords: Racism; Places of refuge to Afro-Americans; *Between the World and Me*; Ta-Nehisi Coates; *Bildungsroman*.

1. No rescaldo do movimento de protesto *Black Lives Matter*, motivado pela morte de jovens afro-americanos às mãos da polícia, Ta-Nehisi Coates, poeta¹ e jornalista afro-americano, nascido em 1974, deu a lume, em 2015, a obra *Between the World and Me*, galardoada com o National Book Award. Não obstante muitos pontos criticáveis, esta obra gerou uma ampla e profícua discussão acerca do racismo nos dias de hoje nos Estados Unidos da América.

Escrita em forma epistolar e dirigida ao seu filho, narra a vida do autor, desde a infância até aos primeiros anos da idade adulta, descrevendo como lidou com o racismo. Apesar do tom eminentemente narrativo, a obra faz uso dos protocolos genológicos do ensaio, sendo enformada pelo pensamento de James Baldwin, Sonia Sanchez e Michel Foucault, entre outros (Williams, 2015). Sandhu nota que o uso de expressões como “Thus” ou “I propose” lhe conferem um teor ensaístico (Sandhu, 2015).

Uma das suas mais-valias é a escrita em si mesma. Habilmente, o autor tira o melhor partido da sua experiência de jornalista e poeta, oferecendo-nos uma prosa ágil, mas poética. Sendo uma obra que postula várias ideias acerca do racismo, o seu conteúdo, por vezes, suscita algumas reservas. Tem pontos positivos e outros certamente a merecer reparo. Ambos serão oportunamente focados neste artigo.

Uma das isotopias que deve ser destacada é a cartografia literária de espaços geográficos, respeitantes a comunidades urbanas afro-americanas, que, na sua co-relação com o racismo, se enquadram na categoria de refúgios. Tendo sempre em consideração que não se pode fazer deduções abusivas a partir da experiência individual de Coates, extrapolando-a para toda a comunidade afro-americana, parece-me da maior utilidade mapear criticamente esses espaços, esses refúgios dos afro-americanos, representados na obra em apreço. É precisamente isso que me proponho aqui fazer.

Quer artigos críticos da ala direita, ideologicamente avessos à obra e à pessoa de Coates, como os de Rod Dreher (Dreher, 2017) e de Daniel Payne (Payne, 2015), que o acusam de racismo contra brancos e defendem Trump,

¹ O primeiro livro de Ta-Nehisi Coates é a obra de poesia *Asphalt Sketches*.

quer elogios acrílicos da ala esquerda, completamente encomiásticos, como os do influente editor da revista *New Yorker*, David Remnick, que disse que o livro era “extraordinary”, mesmo antes dele ser publicado (Remnick, 2015), não serão tidos em consideração na minha análise. Quando necessário, citarei artigos que não fiquem pelo insulto ou pelo elogio e discutam realmente a obra, mostrando imparcialidade.

2. Antes de assinalar os refúgios de afro-americanos, cartografados em *Between the World and Me*, chamo a atenção para um dos seus aspetos mais criticáveis: o tom retórico, manifestamente exagerado em determinados passos da obra. Em certas passagens, Coates manipula o leitor, de molde a que ele interprete erradamente dados factuais. É o que veremos nos exemplos seguintes.

Um dos motores da narrativa é o facto de vários jovens afro-americanos terem morrido, em circunstâncias suspeitas, às mãos de agentes da polícia brancos. Este dado é transposto pelo autor para o interior do texto, como forma de provar a existência do racismo. Uma dessas mortes trágicas atravessa toda a obra: a de Prince Jones, excelente aluno e colega de Coates na universidade, morto pela polícia do Condado de Prince George.

Logo no *incipit*, Coates alude à morte de Prince Jones, associando-a deste modo à de Michael Brown e outros jovens afro-americanos, nas quais estiveram envolvidos polícias brancos. Mais adiante, narra a morte de Jones e descreve pormenorizadamente todas as tristes circunstâncias envolventes: quando e como é que dela soube, o modo como essa morte, em concreto, ocorreu, incluindo a perseguição levada a cabo pelo agente a Prince Jones, algumas das características físicas do agente, relatando depois o funeral e passando para as suas teses sobre o racismo, etc. Mas só então, após várias páginas, é que informa, muito brevemente, o leitor que o agente que pôs termo à vida de Prince Jones era, afinal, negro! Não debate nem aprofunda esta questão, pelo contrário, retoma logo o tom indignado contra o racismo, quase como se quisesse que esse facto e as questões que tal suscita passassem despercebidas. Shenoda chama-nos a atenção para as perigosas associações e extrapolações que Coates, por vezes, faz:

The story of Prince Jones stands out as an example: the narrative certainly illustrates the reality of police brutality, but not necessarily its structural reality, its relation to the prison industrial complex and the extension of the slave state — these can be illustrated but not explained by simply telling the story of the murder of Prince Jones. (Shenoda, 2015)

O mesmo tipo de expediente retórico é usado por Coates quando, ao falar do 11 de Setembro, mostra pouca empatia pelas vítimas dos terroristas, lembrando que o local onde ocorreram os atentados foi um centro escravagista e que nessa zona existia um cemitério de corpos negros leiloados do qual ninguém se lembrava (Coates, 2015: 86-87). Apesar de conhecer pessoas que perderam entes queridos nos atentados, assevera-nos que “looking out upon the ruins of America, my heart was cold” (Coates, 2015: 86). Depois remata, dirigindo-se a seu filho com uma comparação absurda: “But I did know that Bin Laden was not the first man to bring terror to that section of the city. I never forget that. Neither should you” (Coates, 2015).

Ora, este tipo de associações retóricas com caráter demagógico é uma das fraquezas de *Between the World and Me*. A este propósito, Cherry postula que Coates recorre a uma “victimization narrative” (Cherry, 2016). A obra está pejada de exemplos similares aos que sinalizei.

3. Os dois primeiros refúgios, cartografados na obra, são muito relevantes, pois estão na origem do impulso que levou o autor a escrevê-la. São eles: o quarto onde o seu filho se refugia e a escrita na qual o autor busca também abrigo.

O filho de 15 anos de Ta-Nahesi Coates, Samori², ao saber que fora ilibado o polícia, acusado de ter morto a tiro, sem razão, Michael Brown, um jovem negro de dezoito anos, refugia-se no seu quarto para chorar. O pai escuta-o, mas opta por não o reconfortar, respeitando o seu espaço privado. Esta ação narrativa liga-se a outra que nos será relatada mais adiante. Ao deixar pela primeira vez

² O nome do filho de Coates é uma homenagem ao revolucionário tribal Samori Turé, líder do Império Mandinga, que combateu o imperialismo francês.

o seu filho, nessa altura com quatro anos, num infantário em Nova Iorque, este começou espontânea e alegremente a socializar com as outras crianças. Era o único menino afro-americano e a sua atitude inocente preocupou o pai.

Já com quinze anos, a morte de Michael Brown e de muitos outros jovens afro-americanos, às mãos da polícia, em condições altamente duvidosas, fá-lo tomar consciência da sua africanidade e do preconceito existente no seu país em relação a ela. Quase todos estes jovens não tinham nenhum registo criminal anterior nem um passado comprovado que os ligasse a gangues. Além disso, um número elevado deles pertencia a uma classe afro-americana com um grau de escolaridade a nível do ensino superior e com condições económicas muito favoráveis. Eram, por exemplo, estudantes universitários, como Prince Jones. A questão relativa às classes altas afro-americanas e ao modo como sentem o racismo é um dos pontos de interesse da obra em apreço que será dilucidado ao longo deste artigo.

O início do livro foca principalmente a morte de Michael Brown e o *explicit*, por sua vez, acerca-se da morte de Prince Jones. Deste modo, o autor pretende demonstrar que, entre a sua juventude e a do seu filho, pouco ou nada mudou: o racismo com consequências trágicas manteve-se inalterado. Algumas páginas depois, o leitor é confrontado com uma espécie de *requiem* literário dedicado a esses jovens afro-americanos mortos:

I am writing you because this was the year you saw Eric Garner choked to death for selling cigarettes; because you Know now that Renisha MacBride was shot for seeking help, that John Crawford was shot down for browsing in a department store. And you have seen men in uniform drive by and murder Tamir Rice, a twelve-year-old child whom they were oath-bound to protect. (...) And you Know now, if you did not before, that the police departments of your country have been endowed with the authority to destroy your body. (Coates, 2015: 9)

Portanto, este episódio inicial funciona como um momento de revelação em dicção negativa para Samori. O quarto para ele é um refúgio e simboliza a sua perda de inocência e entrada na maturidade. Enquanto entidade espacial,

per se, o quarto pode ser libertador. Recorde-se Virginia Woolf, que conclamava para as mulheres um quarto só para elas. Não é o que se passa, de todo, neste caso. Samori percebeu que o que se interpõe entre ele e o mundo é o seu “corpo negro”.

Este refúgio de Samori, entre as quatro paredes do seu quarto, consubstancia uma *mise-en-abyme*. Prefigura, em forma miniatural, o confinamento dos afro-americanos em múltiplos espaços habitacionais, que poderemos observar ao longo de toda a narrativa: nos bairros sociais de Baltimore, nos condomínios de Washington, em Chicago, etc.

4. Para lá do hibridismo genológico referido no início, *Between the World and Me*, inscreve-se no universo narrativo do *Bildungsroman*. Nesta longa epístola auto-biográfica, Coates relata a seu filho a sua experiência de crescimento num mundo que, segundo o seu testemunho, não parece aceitar a tonalidade da sua pele. Temos, por isso, várias epifanias *a contrario*³, sinalizando devidamente os momentos de perda de inocência. É o que sucede, como já referi, quando Samori recebe a notícia da decisão judicial sobre o polícia envolvido na morte de Michael Brown, ou quando um rapaz simula um tiro sobre o então adolescente Ta-Nehesi Coates, originando neste uma tomada de consciência acerca da precariedade da vida no ambiente perigoso de Baltimore.

Como romance de formação, a questão toponímica põe-se com particular acuidade, pois, a cada fase do percurso biográfico de Coates, desde a infância até à maturidade, corresponde uma localização geográfica diferente. Assim, desde o Estado de Maryland até à chegada a Nova Iorque, esta obra interjeta nas suas páginas várias regiões estadunidenses pelas quais passou Ta-Nehesi Coates no seu périplo pessoal. No entanto, Coates não faz grande distinção entre esses vários espaços geográficos. Para ele, em todos esses locais os afro-americanos estão completamente à mercê do racismo, vivendo fatalmente entrincheirados em refúgios.

³ Designo por epifania *a contrario* um momento particularmente revelador, em dicção negativa, quando uma personagem ganha, de súbito, consciência de algo menos bom.

Contudo, esta mesmidade reclamada pelo autor é refutada pelas descrições que ele próprio faz desses espaços. Existem, entre eles, diferenças abissais. O racismo, ainda que possa porventura existir em todos esses locais, faz-se sentir de modo heterogêneo. Ser um afro-americano a viver nos bairros sociais de Baltimore não será com certeza o mesmo que ser um afro-americano a viver nos condomínios luxuosos do Condado de Prince George em Washington ou num apartamento em Brooklyn. É o que se depreende das próprias representações literárias que Coates faz desses espaços urbanos que, em grande medida, contradizem o seu juízo.

Esses espaços cartografados na obra são designados por mim como refúgios por serem descritos como espaços acossados, locais de passagem, quase não-lugares. São sítios instáveis. Coates nunca se estabelece em definitivo em nenhum deles, movimentando-se de uns para os outros, em trânsito contínuo. Repare-se como esta movimentação diaspórica marca a história dos afro-americanos: de África para o sul dos Estados Unidos e depois para o norte e para o litoral, ou, mais recentemente, no designado *Black Flight*, a saída das grandes cidades e o regresso ao interior, em busca de regiões com um nível de vida mais acessível. Os problemas habitacionais são uma constante na história das comunidades afro-americanas. Neste sentido, Satter investigou a relação dos guetos em Chicago com a ganância dos mercados imobiliários e das instituições oficiais, demonstrando, no seu estudo, como os afro-americanos foram desumanamente explorados (Satter, 2009).

5. Depois do quarto de Samori e da escrita, o refúgio seguinte, representado em *Between the World and Me*, é a parte ocidental de Baltimore, na qual vive uma grande comunidade de afro-americanos, e diz respeito à infância e adolescência de Coates. Ele assegura-nos que, durante esta fase inicial da sua vida, nunca conheceu nenhuma pessoa que não fosse afro-americana. Conhecia os “brancos” apenas de os ver na televisão.

Ao avançarmos na obra, notamos que a família de Ta-Nehesi Coates não parece ser uma família depauperada. Os seus pais são licenciados, cultos e, supomos, com alguma estabilidade económica. A opção por habitarem bairros de maioria afro-americana, ainda que perigosos, nunca é esclarecida.

Aliás, zonas habitacionais multiculturais não surgem representadas. A única exceção surge, de modo vago, mais adiante na obra, quando Coates retrata certas zonas de Nova Iorque, mas fá-lo a distância, não se integrando nem se querendo integrar nunca nelas.

Cerca de 27% de afro-americanos vivem no estado de Maryland, do qual fazem parte Baltimore e Washington, o que é uma percentagem bastante assinalável. Baltimore é uma das cidades mais violentas dos Estados Unidos e com uma maior taxa de criminalidade. Esta realidade surge, de modo cru e emotivo, na obra em apreço. A infância de Coates foi vivida no contexto daquilo que ele designa por “cultura das ruas”. A assustadora presença dos gangues marcou esta fase da sua vida:

The crews, the young men who’d transmuted their fear into rage, were the greatest danger. The crews walked the blocks of their neighborhood, loud and rude, because it was only through their loud rudness that they might feel any sense of security and power. They would break your jaw, stomp your face, and shot you down to feel that power, to revel in the might of their own bodies. And their wild reveling, their astonishing acts made their names ring out. Reps were made, atrocities recounted. (Coates, 2015: 23)

Assim nos explica que teve de aprender os códigos comportamentais das ruas de Baltimore ocidental, da referida cultura de rua, de modo a poder sobreviver. Estes códigos incluíam palavras cifradas, gestos codificados com determinados significados, etc. Invoca também alguns grupos de *rap* em voga nessa época, a segunda metade dos anos oitenta do século XX, como Nas e os Wu-Tang Clan. Coates diz-nos que nunca foi partidário de violência, à qual chama “primary language” (Coates, 2015: 13). Mas teve de lidar com esta realidade e, portanto, teve de saber aprender a usar a força em determinados momentos.

No meu entender, Coates nunca condena explicitamente a violência dos gangues. Procura sempre desculpabilizá-los, dizendo que agem criminosamente por medo e que esse poder que detêm sobre as ruas pode ser viciante e inebriante. Williams refere, a este propósito, o Síndrome da Armadilha de Dioniso

(Williams, 2015). Coates culpa o sistema e a própria história americana, mas nunca os culpa a eles. Tem razão quando culpa o sistema político, uma vez que a maioria dos presos em idade jovem nos Estados Unidos são afro-americanos, e existem obviamente fortes razões de exclusão social que proporcionam a sua entrada no mundo do crime. Uma delas é precisamente o facto de viverem em bairros sociais ou em comunidades exclusivamente afro-americanas. Mas ele não menciona uma questão que considero igualmente relevante: a responsabilidade individual. Williams partilha este ponto de vista, quando diz:

The mature Coates doesn't have a word of reproach for boys like this one. He mostly feels sorry for them: they were 'girding themselves against the ghosts of the bad old days when the Mississippi mob gathered round their grandfathers so that the branches of the black body might be torched, then cut away (Williams, 2015)

Aliás, o percurso biográfico de Coates é a este título exemplar e vai contra a sua opinião condescendente acerca dos gangues. Como jovem que cresceu imerso nessa realidade violenta em Baltimore, nunca optou por fazer parte de nenhum gangue nem enveredou pela via fácil do crime. E, não obstante essas fortes condicionantes socio-geográficas, tornou-se uma notável figura do espaço intelectual e mediático da América coetânea.

6. O seu olhar sobre as escolas que frequentou em Baltimore está eivado de juízos negativos. Perentório, afirma que “Fail to comprehend the streets and you gave up your body now. But fail to comprehend the schools and you gave up your body later. I suffered at the hand of both, but I resent the schools more” (Coates, 2015: 25). Depois, continua no mesmo tom depreciativo:

I came to see the streets and the schools as arms of the same beast. One enjoyed the official power of the state while the other enjoyed its implicit sanction. But fear and violence were the weaponry of both. Fail in the streets and the crews would catch you slipping and take your body. Fail in the schools and you would be suspended and sent back to those same

streets, where they would take your body. And I began to see those two arms in relation. (Coates, 2015: 33)

Esta co-relação que o autor faz entre as ruas violentas de Baltimore e as suas escolas merece que nos detenhamos sobre ela. Em certa medida, os seus argumentos são válidos pois o sistema escolar, e não apenas nos Estados Unidos da América, não está preparado para integrar com sucesso jovens oriundos de contextos socio-culturais particularmente difíceis, como é o caso de muitos afro-americanos, oriundos dos bairros da parte ocidental de Baltimore em que Coates viveu: Gwynn Oak, Liberty, Cold Springs e Park Height (Coates viveu em Woodbrook Avenue), etc. Porém, estabelecer, como no parágrafo citado acima, uma relação direta entre ambas as coisas e comparar o que as ruas têm para oferecer aos jovens com o que as escolas lhes oferecem, pondo-as em pé de igualdade, parece-me, mau grado todas as falhas que se possam com justeza apontar ao sistema de ensino, erróneo. Chega a citar um verso do *rapper* Nas, que, numa comparação absurda, diz que a cocaína é um veneno e a escola também. Um pouco mais à frente, Coates explica que os conteúdos que aprendeu na escola foram veiculados através de um ponto de vista *Wasp*⁴. Nada aprendeu sobre a história e a realidade afro-americana. Embora não sendo propriamente original⁵, a sua tese é verdadeira, mas, tal como em outros momentos da obra, faz vista grossa a certos dados igualmente importantes.

Podemos perguntar: será que ele, que se tornou um abalizado jornalista e escritor eminente, não aprendeu nas escolas nada de positivo e útil com impacto substantivo na sua formação? Apesar das suas críticas, é o próprio Coates que avança os seguintes dados, bem significativos: 60% dos jovens afro-americanos que abandonam o liceu tornam-se criminosos e acabam nas prisões. Portanto, algum efeito positivo a escola terá nesses jovens.

⁴ *Wasp* é o acrónimo para *White, Anglo-saxon and Protestant*.

⁵ Recordemos, a este propósito, o pensamento de James Baldwin, Chancellor Williams e Frantz Fanon. Coates, aliás, replica, ao longo da obra, uma célebre frase de Baldwin, proferida na Berkeley University, em 1979: “As long as you think you are white”, chamando assim a atenção para o facto de a Whiteness ser uma construção cultural.

Sobre os seus professores, diz que “I loved a few of my teachers. But I can’t say that I truly believed any of them” (Coates, 2015: 26). Seria interessante que Coates fosse mais específico acerca deles, gostaríamos de saber um pouco mais sobre eles. Por exemplo, o que é que fizeram que despertou nele o seu amor? Será que a sua atitude atesta a tese negativista de Coates acerca da escola ou não? Seriam brancos ou afro-americanos? O que é que não fizeram para que ele não acreditasse neles? Coates refere que o pai lhe bateu uma vez por causa de problemas que teve na escola, quando ameaçou um professor do nono ano, mas não especifica em concreto porquê. Declarar somente que não acreditava nos professores está longe de ser suficiente. Chamo a atenção para o seguinte: Coates completou o ciclo de estudos secundários e, embora não finalizasse a licenciatura, frequentou a universidade durante alguns anos, o que, em certa medida, entra em contradição com as suas próprias críticas. Será certamente por esta visão deformada acerca do sistema escolar que, apesar de *Between the Worl and Me* fazer parte dos currículos de algumas universidades estadunidenses, alguns académicos não são favoráveis a tal, como é o caso de Cherry (Cherry, 2016).

Por vezes, não sendo apenas neste passo da obra que tal sucede, dá a sensação que Coates queria que a realidade fosse a preto e branco, sem fissuras e contradições, fácil de interpretar. Ora, parece-me que as realidades que descreve são bastante mais complexas, fragmentadas e oximóricas do que o seu juízo intelectual nos quer fazer crer. O facto de nunca apresentar saídas viáveis nem soluções para os problemas que elenca atesta-o. Stephens, além de sinalizar o pessimismo de Coates, vai mais longe, dizendo-o fatalista (Stephens, 2017). O que me parece exato.

No entanto, este pessimismo pode ser encarado de um modo positivo. Alexander, ainda que concordando em parte com Stephens, pressupõe que talvez Coates ainda não tenha descoberto respostas adequadas para os problemas que ele próprio coloca e postula que a obra vale pelas questões que trouxe para a discussão no espaço público (Alexander, 2015). Em campo tão delicado como o racismo, não me parece que discutir o assunto em termos que raíam o essencialismo, como Coates amiúde faz - conforme refere Sandhu, “his insistence on afro-american exceptionalism a kind of parochialism”

(Sandhu, 2015) - possa trazer o que quer que seja de útil, sendo uma das grandes fragilidades da obra em apreço, por vezes a obscurecer o seu inegável valor literário.

7. Este primeiro espaço geográfico, cartografado na obra, a Baltimore ocidental da sua infância, é marcado igualmente pela violência paterna⁶. Segundo o que Coates nos relata, seu pai, Paul Coates, tinha por hábito espancá-lo com um cinto. A primeira vez que tal sucedeu, foi quando, ainda muito pequeno, se escondeu da família num parque. O pai afirmou que ou lhe batia ele próprio ou, mais tarde, seria a polícia a fazê-lo. Pelo que nos é narrado, esta realidade brutal era prática corrente na Baltimore ocidental afro-americana da segunda metade dos anos 80. Coates assevera que os pais dos seus amigos tinham comportamentos similares e as mães das raparigas afro-americanas eram, do mesmo modo, violentas com as filhas. Relata-nos ainda um caso de violência de homens sobre mulheres. Um namorado da sua avó, quando ela tinha dezasseis anos, espancou-a brutalmente.

Coates atribui a culpa da violência parental ao racismo e ao medo que os pais afro-americanos tinham de perder os seus filhos. Desresponsabiliza o seu pai, pai esse que, num dia em que Coates foi assaltado, o fustigou furiosamente com um cinto por se ter deixado assaltar.

Ainda que existam condições sociais que favoreçam a violência no seio da família, e não as podemos esquecer, existe, insisto, a responsabilidade individual. Alguém com uma educação de nível superior, bibliotecário-investigador no Centro de Investigações Moorland-Spingarn, na Howard University em Washington, como era o caso do pai de Coates, não pode ser desculpabilizado de modo tão leviano e inconsequente como Coates o faz. Nada, na minha opinião, justifica o uso sistemático do cinto sobre uma criança indefesa. Por muito que Coates reitere este ponto de vista, não me parece que esse seja o

⁶ A obra anterior de Ta-Nehesi Coates, intitulada *The Beautiful Struggle: a Father, Two Sons and an Unlikely Road to Manhood*, trata da relação com seu pai e seu irmão.

modo mais correto de impedir que ela se torne, mais tarde, membro de um gangue ou que se torne criminoso.

Na preparação deste artigo, li textos de várias proveniências e não posso deixar de assinalar que não encontrei um só onde esta realidade inaceitável seja criticada. Estranhamente, fala-se disto com a maior naturalidade. Como é que tal pôde passar despercebido? Certamente que a recusa da vitimização e o discurso desculpabilizante de Coates neste tema desempenharam um papel fulcral para esta desatenção crítica.

No entanto, o próprio Coates, de modo velado, manifesta o seu desacordo com a violência que seu pai exerceu sobre si. Quando sua mãe lhe disse que um dia seu filho Samori o desafiaria, este respondeu que se tal facto alguma vez sucedesse isso seria a maior derrota da sua vida, deixando assim claro o seu posicionamento anti-violência parental. Noutro passo da obra, narra como a esposa lhe mostrou que o “amor podia ser brando” e o ensinou a beijar o seu filho antes deste adormecer, dizendo o quanto o amava (Coates, 2015).

8. Existe na obra uma reverência exagerada pela figura paterna. O pai de Ta-Nahesi Coates é, como já dissemos, o carismático Paul Coates, um veterano da guerra do Vietname, que esteve casado por quatro vezes. Foi o fundador de uma importante editora de autores africanos e afro-americanos, a Black Classic Press, e membro, nos anos 60 e 70, dos Black Panthers, um dos grupos envolvidos na luta pelos direitos civis, mas que preconizava a luta armada, sendo partidário da violência como modo de alcançar a igualdade de tratamento entre *Wasp* e afro-americanos. Ora, neste ponto, Coates parece nunca se ter descolado verdadeiramente do radicalismo da visão paterna. Em entrevista a Adams, Coates confirma isto mesmo:

I wonder how much Coates felt himself in the tradition of that Black Panther movement that his father helped to organise, which advocated armed struggle as one means to achieve fuller liberation? “Violence was definitely part of it,” he says. “And that was powerful for me as a child, as I say in the book. Guns were romantic, right.” (Adams, 2015)

É pública a admiração de Coates por James Baldwin, no entanto, está longe do tom meditativo e pedagógico deste. Baldwin poderá ser o seu modelo na escrita, na parte formal. Ele próprio o refere em entrevista (Adams, 2015). Mas a sua verdadeira referência a nível do pensamento, tal como a de seu pai, é Malcom X, muito mais afim com uma luta contra o racismo através de meios violentos (Coates, 2015: 35-36).

A opinião de Coates acerca do Movimento pelos Direitos Civis, liderado por Martin Luther King, que baseava a sua ação na não-violência, é extremamente negativa. A escola secundária, que frequentou em Baltimore, celebrava anualmente este movimento. O que Coates escreve, a este propósito, não deixa grande margem para qualquer dúvida acerca do que pensa sobre os movimentos que advogam a não-violência:

Our teachers urged us toward the example of freedom marchers, Freedom Riders and Freedom Summers and it seemed that the month could not pass without a series of films dedicated to the glory of being beaten on camera. The black people in these films seemed to love the worst things in life – love the dogs that rent their children apart, the tear gas that clawed at their lungs, the firehoses that tore off their clothes and tumble them into the streets. They seemed to love the men who raped them, the women who cursed them, love the children who spat on them, the terrorists that bombed them. *Why are they showing this to us? Why were only our heroes nonviolent?* (Coates, 2015: 32)

De facto, muitos dos heróis norte-americanos, incluindo os pais da nação, são heróis violentos, mas isso, julgo eu, não confere legitimidade ao uso de violência na luta pelos direitos dos afro-americanos. Coates manifesta uma visão superficial do Movimento pelos Direitos Civis e esquece um ponto essencial. Foi graças à sua luta não-violenta que foi aprovado o Civils Right Act, em 1964, que foram anuladas as Leis segregacionistas de Jim Crow e foi conseguindo, em 1967, o direito ao voto para os afro-americanos. Continua a existir racismo? Sim, e a obra de Coates demonstra, de modo inequívoco, que sim. Será o recurso à violência a solução? Não me parece.

Ainda que não o afirme claramente, em certos momentos Coates parece ser partidário de uma via mais radical e violenta. Em entrevista, afirmou o seguinte: “There’s nothing wrong with black people that the complete and total elimination of white supremacy would not fix” (*apud* Williams, 2015: xx). Alexander, afro-americana e advogada de causas humanitárias, rebate a visão negativa de Coates sobre os Movimentos pelos Direitos Civis (Alexander, 2015).

9. O final da adolescência de Coates e a sua entrada na idade adulta são sinalizados toponimicamente na obra pela sua entrada na Howard University, um importante centro de investigação de Estudos Africanos e Afro-Americanos, situada em Washington, a “chocolate city”, como o próprio autor refere (Coates, 2015).

Coates idealiza este espaço académico que, inversamente aos bairros de Baltimore, não sente como um refúgio, mas sim como um espaço de liberdade plena. Esta universidade aparece na obra como uma espécie de paraíso mitológico para os jovens intelectuais afro-americanos e, por isso, chama-lhe a “Mecca”. Assertivamente, Stephen diz que ele a fantasia:

He fantasizes that he is “disappearing into all of their bodies,” as the music and dancing, the Black cultural zeitgeist of the moment, cure him of the “birthmark of damnation.” (...) It’s another ontological pivot, this time allowing Coates to conclude that The Mecca’s cookout has a “power more gorgeous than any voting rights bill.” It’s a fantasy of retreat. (Stephens, 2017)

Coates não chegou a concluir a sua licenciatura, mas tirou o máximo proveito da sua estadia na Howard University, pois leu e aprendeu bastante, frequentando assiduamente a biblioteca e as várias atividades culturais da universidade. Conheceu no *campus* a sua futura mulher e travou conhecimento com poetas, jornalistas e editores. A sua carreira de escritor e jornalista iniciou-se lá, com leituras públicas e com as suas primeiras publicações.

É notório o contraste com as escolas que frequentou em Baltimore. Na Howard University, aprendeu a história afro-americana e conheceu relevantes

trabalhos académicos sobre a condição da africanidade. Muitos ensaístas afamados neste campo de estudos pertenciam ao corpo docente. Por exemplo: a poeta galardoada Lucille Clifton; a prémio Nobel Toni Morrison; o historiador e prémio Pulitzer Manning Marable; a estudiosa da condição feminina negra e fundadora da importante editora *Third World Press*, Carolyn Rogers; e também Harold Cruse, autor do canonizado *The Crisis of the Negro Intellectual*, etc.

A Howard University é-nos descrita como um ponto de encontro aglutinador: “The history, the location, the alumni combined to create The Mecca – the crossroads of the black diaspora” (Coates, 2015: 40). Aludindo às várias origens dos alunos, retrata assim o *campus*:

I thought of the great spectrum from the Mecca: black people from Belize, black people with jewish mothers, balco people with fathers from Bangalore, black people from Toronto and Kingston, black people who spoke russian, who spoke spanish, who played Mongo Santamaría, who understood mathematics and sat up in the bone labs, unearthing the mysteries of the enslaved. (Coates: 2015, 67-68)

Mas, se repararmos, a diversidade a que alude é apenas aparente. Mais uma vez, tal como em Baltimore, trata-se de um ambiente humano composto só com pessoas de origens africanas: não se vislumbra um único ser humano fora desse padrão. E, embora refira a Howard como o lugar no qual encontra a sua liberdade de agir e pensar, apesar de mitificar este espaço, é mais um refúgio dos afro-americanos. Um refúgio dourado e intelectual. Mas, inegavelmente, um refúgio.

Não há violência como havia em Baltimore, dado ser um local de estudo e investigação e é, de facto, um lugar mítico para muitos jovens afro-americanos que se interessam por refletir acerca da sua condição. Mas interrogo-me: não havia outros centros de investigação igualmente importantes nas temáticas africanas e raciais? Só existe um? E porquê, mais uma vez, a não menção a pessoas de outras origens étnicas, sejam elas professores ou alunos? Não existiam na Howard University? Porquê?

Se outros locais são sinalizados por Coates como refúgios, aqui essa evidência escapa-lhe por completo. Como pode ser livre e encetar uma verdadeira

reflexão acerca da sua condição de afro-americano se o faz num ambiente assético e fechado, entre outros africanos e afro-americanos como sucede, segundo as suas descrições, na Howard University?

10. A única parte da obra em que o vemos, de vontade própria, fora destes espaços de confinamento é quando passa uma temporada em Paris. De modo ingénuo, diz que, opostamente aos Estados Unidos, não sentiu racismo em França. Em Paris, foi convidado por um estranho, que deduzimos ser branco, para almoçar e conviver, e a partir deste facto pouco relevante postula a não-existência de racismo em território francês. Williams, que vive em Paris, critica esta passagem, dizendo que Coates em Paris só vê “cartoon figures”, distantes da realidade (Williams, 2015). No mesmo sentido, Shenoda afirma o seguinte, aludindo ao passado colonial da França e aos problemas atuais daí advindos:

His approach is somewhat ethnocentrically American and dare I say naive, and I felt here that he needed to interrogate more thoroughly the experiences of the myriad peoples from Algeria, Haiti, Martinique, Mali, Côte d’Ivoire, and elsewhere who live all over France. I wanted Coates to recognize how these people who are also deeply subjugated by a racial hierarchy are in fact more similar to him than he might admit. (Shenoda, 2015)

Recentemente, a artista franco-cubana Lisa-Kaindé contou que foi abordada por um polícia, em Paris, quando tinha dezasseis anos, que a revistou agressivamente por causa da sua cor de pele. Em adenda, assinala-se a forte implantação da Frente Nacional de Jean Marie Le Pen e da sua filha Marie, um partido xenófobo, com laivos racistas.

Nesta mesma passagem da obra em apreço, relativa a Paris, existe outro elemento que deve ser visto com alguma atenção. Repare-se: em nenhum outro momento do livro Coates traça um retrato positivo de alguém branco. Refere-se, como já vimos, aos seus professores do liceu que, julgo eu, eram, pelo menos alguns deles, brancos, dizendo que os amava, mas não avança mais do que uma frase generalista. Depois, refere-se aos editores brancos que, durante a sua passagem pela Howard University, o ajudaram, dando-lhe a arte do jornalismo

(Coates, 2015: 62). Mas, mais uma vez, escreve apenas uma ou duas frases vagas. Nunca há nomes, nunca há retratos individuais de quaisquer pessoas que não sejam afro-americanos. Será que as pessoas atrás referidas, os seus professores e os seus primeiros editores, não mereceriam uma outra atenção por parte do autor? De facto, a única vez em que escreve mais do que duas linhas acerca de uma pessoa branca é nesta passagem referente a Paris, em que nos fala de um mero desconhecido. Mesmo assim nunca é completamente explícito. O leitor é que tem de deduzir que esse personagem é branco.

11. Uma das questões que a obra em apreço suscita prende-se com o seguinte: será que os cidadãos afro-americanos pertencentes, por via económica ou académica, à alta sociedade, estão a salvo do racismo? E em que medida tal sucede? O autor cartografa literariamente dois espaços habitados por estas classes altas.

Um deles é o Condado de Prince George, situado à saída de Washington. Mais de 60% dos seus habitantes são afro-americanos. Por essa razão, as autoridades políticas locais são afro-americanos. É um condado próspero. Os cidadãos afro-americanos aí residentes são abastados. No entanto, segundo Coates, não estão a salvo do racismo. Os jovens, filhos dos membros desta elite, podem, sem que nada aparentemente o justifique, morrer às mãos da polícia:

This enclave was Prince George's County (...) and it was, to my eyes, very rich. Its residents had the same homes, with the same backyards, with the same bathrooms, I'd seen in those televised dispatches. They were black people who elected their own politicians, but these politicians, I learned, superintended a police force as vicious as any in America. (...) the PG County police were not police at all but privateers, gangsters, gunman, plunderers operating under the colour of law. (Coates, 2015: 53)

Esta pertinente questão sobre as elites afro-americanas prende-se com um dos fios condutores da obra, a já referida morte de Prince Jones. Lembremos que este jovem, morto pela polícia do Condado de Prince George, era um aluno de exceção e pertencia à classe alta afro-americana. A sua mãe é uma

médica afro-americana, radiologista-chefe, que tinha servido na Marinha e que, oriunda de um subúrbio pobre na Luisiana, subira a pulso na vida. Prince Jones frequentara sempre as melhores escolas privadas. Contra a vontade da mãe, que preferia que fosse para Harvard ou Yale, optou pela Howard University, onde foi colega de Coates.

Assim, outro desses refúgios dourados das classes altas afro-americanas, cartografados pelo autor, é o bairro rico em Filadélfia onde moravam Prince Jones e a sua mãe, a já referida médica, Mable Jones. Coates encontra similitudes entre os condomínios privados do condado de Prince George e este bairro em Filadélfia: a riqueza, as casas protegidas e os bairros isolados e patrulhados. Diz-nos que Mable e Prince Jones viviam “just outside of Philadelphia in a small gated community of affluent homes” (Coates, 2015: 135).

A tese de Coates é que o racismo se sobrepõe à classe. Pelos dados que nos disponibiliza, dado tratar-se de dois casos, não podemos ter uma opinião definitiva. Ainda assim, é perceptível um enorme desconforto e uma sensação de insegurança sentidos por estas classes altas afro-americanas, que devem ser assinaladas. Além disso, muitos dos membros do Black Lives Matter pertencem a classes altas, o que significa que estão descontentes.

12. Outra isotopia espacial presente na obra diz respeito à coexistência de espaços antagónicos dentro da mesma cidade. Por exemplo, o referido condomínio abastado onde vive a mãe do malogrado Prince Jones em Filadélfia está localizado a poucos quilómetros dos bairros sociais onde a avó de Coates viveu durante muito tempo.

Esta bifurcação literário-espacial é particularmente visível em Nova Iorque, para onde Coates foi viver após a sua estadia na Howard University, em busca de uma carreira literária. Em Nova Iorque, Coates viveu com a mulher e o filho, primeiro numa cave, depois num minúsculo apartamento em zonas maioritariamente habitadas por afro-americanos: a Flatbush Avenue em Brooklyn e o Harlem. Estas zonas contrastam com outras onde existe um ambiente multi-cultural e nas quais por vezes se aventurou. Nessas incursões, salienta sempre desconforto e inadequação a esses espaços. Quando levou seu filho a passear em zonas fora dos refúgios do Harlem e da Flatbush Avenue

sente-se mal e inseguro: “I remember feeling ill at ease, like I had borrow someone’s else heirloom. (Coates, 2015: 89).

Doutra vez, à saída do cinema com seu filho no Upper West Side, em Manhattan, este, na altura com quatro anos, foi empurrado por uma mulher. Compreensivelmente, Coates reagiu com desagrado a esta atitude lamentável. Mas passa logo da narração deste ato para a minuciosa descrição dos linchamentos, ocorridos ao longo da história estadunidense, associando, de modo absolutamente exagerado e retórico, os dois factos entre si.

13. Por último, quero assinalar e refletir sobre o refúgio, quiçá mais íntimo e menos palpável, referido no início do artigo: a escrita. A escrita permitiu a Coates pensar e circunscrever as suas vivências e refugiar-se nela de outros espaços sentidos como opressivos, como é o caso da perigosidade dos bairros de Baltimore Ocidental ou do multiculturalismo de Nova Iorque. A escrita, como refúgio, acompanhou-o desde muito novo:

Your grandmother taught me to read when I was only four. She also taught me to write, by which I mean not simpling organising a set of sentences into a series of paragraphs, but organising them as a means of investigation. When I was in trouble at school (which was quite often) she would make me write about it. (Coates, 2015: 29)

A escrita é um espaço íntimo e mediador entre o autor e os outros refúgios opressivos. Entre Coates e o mundo existiu sempre a escrita. A certa altura, lucidamente escreve “The struggle to understand is our only advantage over this madness” (Coates, 2015: 106), referindo-se ao racismo. A luta para compreender, consubstanciada na escrita, parece ter assumido para Coates configurações salvíficas. Todo o seu percurso foi delineado de modo a que pudesse realizar a sua vocação literária. Foi por essa razão que saiu de Baltimore e rumou para Washington, onde publicou os seus primeiros trabalhos, e depois para Nova Iorque, onde começou a sua carreira como jornalista *free-lancer*.

Como noutros casos, a escrita é um refúgio, mas é também a verdadeira casa. O espaço onde alcança alguma paz e liberdade.

14. Em suma, *Between the World and Me* mapeia literariamente uma relevante cartografia de vários espaços, referentes a diversas comunidades afro-americanas: comunidades pobres que vivem em guetos e onde o crime é usual, comunidades académicas e intelectuais, comunidades ricas. Estão plasmados nesta obra subúrbios prósperos e subúrbios paupérrimos, algumas vezes coexistentes na mesma cidade. Todos estes espaços são refúgios, quer pessoais, do próprio autor, quer das próprias comunidades afro-americanas. E são também refúgios da própria sociedade americana no seu todo, que permite que eles existam. Este é um ponto que ficou por tratar neste artigo, mas que não posso deixar de assinalar. Seria também muito produtivo fazer um estudo comparativo entre os refúgios cartografados nesta obra e os cartografados noutras obras de teor semelhante.

Em termos meramente formais é uma obra magistral. Por vezes, cai numa retórica vazia de ideias e falta-lhe profundidade de pensamento. Ta-Nehesi Coates é sem dúvida um excelente prosador, mas não será um grande ensaísta.

Muitos aspetos não foram analisados neste artigo e muitas perguntas ficaram certamente por fazer, algumas das quais deixo aqui, em jeito de conclusão. Será que aquilo que apontamos ao autor como falhas não estará ligado, em grande medida, ao sucesso e à discussão que a obra gerou? O que é que poderá ser feito para que os refúgios que aparecem representados na obra possam deixar de existir?

BIBLIOGRAFIA

- Adams, Tim (2015). How Ta-Nehesi Coates's letter to his son about being black in America became a bestseller. *The Observer*. Consultado a 20-09-2017, <https://www.theguardian.com/books/2015/sep/20/ta-nehisi-coates-interview-between-the-world-and-me-black-america>
- Alexander, Michelle (2015). Ta-Nehisi Coates 'Between the World and Me'. *The New York Times Sunday Book Review*. 17-08-2015. Consultado a 09-07-2017, <https://www.nytimes.com/2015/08/17/books/review/ta-nehisi-coates-between-the-world-and-me.html?mcubz=3>.
- Cherry, Robert (2016). Making freshmen read 'Between the World and Me' is a mistake'. *New York Post*. 22-08-2016. Consultado a 14-12-2017, <https://nypost.com/2016/08/22/making-freshmen-read-between-the-world-and-me-is-a-mistake/>
- Coates, Ta-Nehisi (1990). *Asphalt Sketches*. Baltimore: Sundiata Publications.

- (2008). *The Beautiful Struggle: a Father, Two Sons, and an Unlikely Road to Manhood*. New York: Spiegel& Grau.
- (2015). *Between the World and Me*. New York: Spiegel Grou.
- Dreher, Rod (12-09-2017). Ta-Nehisi Coates's Scar. *The American Conservative*. Consultado a 20-09-2017, <http://www.theamericanconservative.com/dreher/ta-nehisi-coates-scar/>
- Payne, Daniel (2015). Why can Ta-Nehisi Coates get away with racial slurs?. *The Federalist*. 16-07-2015. Consultado a 07-07-2017, <http://thefederalist.com/2015/07/16/why-can-ta-nehisi-coates-get-away-with-racial-slurs/>
- Remnick, David (2015). *Charleston and the age of Obama*. Consultado a 14-12-2017, <https://www.newyorker.com/news/daily-comment/charleston-and-the-age-of-obama>
- Sandhu, Sukehdev (2015). 'Between the World and Me' by Ta-Nehesi Coates review – a now exalted writer and spokesman for black America. *The Guardian*. 08-10-2015. Consultado a 14-12-2017, <https://www.theguardian.com/books/2015/oct/08/between-the-world-and-me-sukhdev-sandhu-review>
- Satter, Beryl (2009). *Families Properties: Race, Real Estate and the Exploitation of Black Urban American*. New York: Metropolitan Books, Henry Holt and Company.
- Shenoda, Michael (2015). Reading 'Between the World and Me' in context. *Los Angeles Review of Books*. 15-07-2015. Consultado a 10-12-2017, <https://lareviewofbooks.org/article/reading-between-the-world-and-me-in-context/#!>
- Stephens, R. L. (2017). The birthmark of damnation: Ta-Nehesi Coates and the black body. *View Point Magazine*. 17-05-2017. Consultado a 14-12-2017, <https://www.viewpointmag.com/2017/05/17/the-birthmark-of-damnation-ta-nehisi-coates-and-the-black-body/>
- Williams, Thomas Chesterton (17-12-2015). Loaded disse. *London Review of Books*. Consultado a 10-12-2017; disponível em: <https://www.lrb.co.uk/v37/n23/thomas-chatterton-williams/loaded-dice>